



Percepção Ambiental em três Contos da Obra de Émile Zola

Thomas Ribeiro A. Ficarelli¹

Resumo

Émile Zola (1840-1902), romancista francês, inaugurou em seu país uma corrente literária chamada Naturalismo, em 1880. Verifica-se em sua obra a constante e profunda descrição da manifestação de agentes naturais em diversas narrativas, criando palco essencial para dar base às emoções e ações dos personagens. Ao resgatar seu contexto histórico-cultural, o artigo se aprofunda nas causas desta preocupação, identificada em três contos diferentes, que contribuem e remontam ao conceito de “percepção ambiental”, categoria formulada pelo Ambientalismo contemporâneo que busca compreender as novas perspectivas da relação “ser humano – natureza”.

Palavras-chave: *Émile Zola; Romantismo Francês; Percepção Ambiental; História do Meio Ambiente.*

Introdução

Émile Zola (1840-1902) foi um dos mais célebres escritores franceses do século XIX, cuja obra conta com centenas de romances e de contos. Passou a maior parte de sua vida em Paris, apesar de ter passado parte da sua juventude na cidade de Aix-en-Provence, no sul do país. Foi o escritor que deu início ao *Naturalismo* na literatura, assim como foi importante na era do *Romantismo*. Simpatizante do movimento operário, muitas de suas obras trataram das questões político-sociais de sua época como a industrialização, o subemprego e a desigualdade social.

O interesse em tratar do assunto “percepção ambiental” na obra do escritor, parte de algumas de suas histórias nas quais a descrição dos cenários é extremamente rica em informações e conteúdo. A importância do assunto tratado se baseia na afirmação de

¹ Estudante de graduação de Geografia na FFLCH-USP; Professor de francês. Participante do grupo de estudos de Geografia Política e Meio Ambiente do laboratório GEOPO/FFLCH, coordenado por Wagner C. Ribeiro.

Sánchez (2008:19), de que o conceito do termo “meio ambiente” está longe de ter somente relevância acadêmica ou teórica, pois o entendimento amplo ou restrito do conceito determina o alcance de políticas públicas, de ações empresariais e de iniciativas da sociedade civil. Tendo em vista a emergência crescente deste termo no meio acadêmico e também na sociedade civil, há necessidade de ampliar o diálogo interdisciplinar para melhor compreendê-lo e saber como fundamentá-lo, e assim, o objeto que ele representa.

O *Ambientalismo* tornou-se um movimento social a partir de 1972 com a Conferência da ONU sobre o ambiente humano e a partir de então milhares de instituições e pesquisadores dedicaram-se a estudar este assunto. As causas de suas discussões foram o desequilíbrio ecológico no qual a Terra se encontrava e a falta de políticas para gerenciar a poluição, ameaçando ecossistemas e agravando a qualidade da vida humana, conforme pesquisas de saúde pública e poluições. Atualmente, as ciências vêm tomando cada vez mais o meio ambiente como categoria a ser trabalhada, de cunho cada vez mais valorizado.

Baseando-se nos contos *Aux Champs*, *Les Squares* e *Ce que disent les bois*, buscou-se, numa perspectiva psicogeográfica, analisar o contexto histórico-literário do escritor e assim tomar conclusões quanto aos fundamentos de suas percepções.

A Percepção Ambiental

Seria anacrônico atribuir a Émile Zola categorias que não são de seu tempo, no caso, a categoria “meio ambiente”. Não é objetivo deste artigo encaixar o escritor em categorias da contemporaneidade, mas, baseado em alguns de seus contos, identificar qual a contribuição que suas idéias podem trazer para se pensar o ambientalismo na atualidade.

A percepção ambiental é tida como a maneira de um indivíduo conceber e se relacionar à externalidade de seu corpo, envolvendo fatores naturais e culturais. Este meio possui caracterizações próprias tais como estética, conteúdo, ecologia, materialidade e fluxos energéticos. Entretanto, o julgamento deste conjunto se dá pelo indivíduo, baseando-se em sua experiência de vida e em seu meio cultural.

De acordo com Ribeiro, a percepção do indivíduo quanto ao seu entorno se dá pela sua interação com a paisagem geográfica, ou seja, de uma interação profunda entre ser humano e natureza:

“A paisagem geográfica sintetiza o real a partir de seu observador. A incidência de seu olhar, ao campo visual, não atinge completamente o interior da paisagem, mesmo que o

olhar se dê de maneira dinâmica, isto é, aprendendo a dinâmica da paisagem. Daí ser necessário focar o lugar geográfico, que é sintetizado nas relações humanas.” (2001:41).

Essa percepção não se dá somente no método científico, mas em qualquer indivíduo de qualquer época, cultura e lugar:

As percepções são subjetivas, podendo variar de indivíduo para indivíduo, mas as representações coletivas de lugar e de território, criadas por cada grupo, revelam o modo como se vive e planeja o espaço, numa relação dialética entre o espaço político, o território e o pensamento sobre este espaço. Uma vez que o mundo físico é tanto perceptivo quanto representativo, ele não está só nas observações científicas sobre o ambiente, mas nas histórias das pessoas, nos mitos, nas festas populares (Ferreira 2005, apud Teramussi 2008:16).

É neste contexto que foi trabalhada a percepção do escritor. Só é possível reconhecer a amplitude da percepção de Zola em seus textos a partir de seu contexto histórico, de uma França que vinha se urbanizando e se industrializando com velocidade. Seu contexto geográfico, de se situar na capital e maior cidade de seu país, lugar onde a transformação da paisagem se dava de forma radical e expansiva. O contexto literário, do Romantismo, e do Naturalismo criado por ele mesmo segundo os literários. É destacado este último contexto no trecho a seguir, visto sua importância na percepção de mundo do escritor.

Influências de Émile Zola

O *Romantismo*² surgiu na Europa do final do século XVIII, logo após a Revolução Francesa, quando já algumas nações européias iniciavam o processo de industrialização e acompanhando o modelo de acumulação de capital que ocorria na Grã-Bretanha. Não é por acaso que esse movimento surgiu inicialmente neste país, pois, a proletarianização dos habitantes no campo³ e o excesso de trabalho exigido pelos industriários, induziram esta população a se rebelar contra este novo modelo de civilização, fundamentado na relação capital-trabalho. A mudança dada na economia através da industrialização, também se deu na geografia, visto que populações rurais migravam para as cidades, seja pela expropriação conforme a obra de Marx (1982:831), seja pela dificuldade do pequeno artesão ou camponês em concorrer com a eficiência da produção industrial.

² Neste artigo, o Romantismo não é tratado somente como um movimento artístico-literário, mas também conectado a um movimento histórico e social, visto que produção artística e História são indissociáveis.

³ Em todo este artigo, esta palavra se refere a “espaço agrário, espaço não-urbano”.

Apesar de este novo sistema econômico produzir acumulação mais veloz de capital comparado à produção artesanal, a concentração de renda na mão de poucos indivíduos criou uma enorme exploração e desigualdade para maior parte da população proletária, que costumeiramente recebia baixos salários e pouco dispunha de tempo para o lazer.

Agindo contra o racionalismo cético e a “sistematização” do cotidiano regida pelo trabalho, o Romantismo emergiu como movimento que buscava uma alternativa, negando o sistema vigente. Valorizou-se a subjetividade humana, o sentimento, os prazeres da experiência humana na Terra, sobretudo no que tange o amor e a paixão (Peyre, 1971). A emergência do exotismo também foi fato marcante, o que justificou o interesse de muitos europeus em conhecerem a realidade de outros continentes.

Conforme as nações se urbanizavam, o campo foi recebendo crescente valor simbólico pela corrente artística, por se tornar cada vez mais “exótico” às populações urbanas e também, pela riqueza de suas paisagens e ecologia. A compreensão da categoria “campo” é de importância vital na análise da percepção ambiental de Zola nos três contos estudados, por se passarem todos neste tipo de espaço.

A era do Romantismo foi considerada uma era extremamente rebelde, visto a esperança que dominava a classe trabalhadora na luta por um sistema político mais justo e igual. As Revoluções Liberais na Europa nos anos 1830 e 1848 e os movimentos de independência dos países latino-americanos também foram marcos desta época, que repercutiram também na Arte. Foram produzidas obras artísticas e literárias valorizando as identidades nacionais, tais como o Indianismo no Brasil, que representou os índios como brava gente e autenticamente brasileiros. Já na França, em sua forma de Estado Moderno, seu principal símbolo representa uma bela moça de pele bem clara e lábios rubros⁴, uma “embaixadora” do lema Liberté, Égalité et Fraternité. Apesar das mulheres terem representação política nula na França da primeira metade do século XIX, o símbolo nacional remete a uma mulher, pois no Romantismo, ela é a fonte de amor e de prazer de todos os homens, se aproximando da idéia de Estado-nação que as correntes revolucionárias buscavam atingir.

Na França, o Romantismo teve um vago início no final do século XVIII, mas se firmou como movimento na primeira metade do século XIX e durou até o final deste século. Passou por uma crise na medida em que a busca pelo Estado-nação ideal se tornava mais complicada e a relação capital-trabalho regia o Estado-nação de maneira mais

⁴ Para maiores detalhes, pesquisar o quadro “*La Liberté guidant le peuple*” (1830) de Eugène Delacroix.

imperante. Émile Zola nasceu e viveu neste contexto literário, de forma bastante ativa. Sua obra recebeu influências de algumas das idéias mais correntes por todo o percurso do Romantismo em sua vida.

Com a ascensão da explicação dos fenômenos da natureza e da sociedade baseadas em metodologia científica, como as publicações das obras *Curso de Filosofia Positiva* (1842) de Auguste Comte, *Origem das Espécies* (1859) de Charles Darwin, e *O Capital* (1867) de Karl Marx, os romancistas tiveram de se adaptar a essas correntes do pensamento para não perder seus leitores e credibilidade de suas obras. O nome dessa corrente foi chamada de *Naturalismo* (anos 1880), ou seja, a introdução de teorias científicas nas obras literárias. A paixão passou a ser interpretada não mais como algo somente sagrado, mas também como um impulso da natureza humana. Este movimento pode ser visto como uma certa crise do Romantismo, visto que não era mais possível romantizar aquilo que os cientistas se mostravam capacitados de explicar e comprovar. Houve uma maior valorização dos objetos ao invés das interpretações dos sujeitos. Uma das consequência foi a tendência dos ambientes da narração se tornarem palcos ativos nas histórias, influenciando as ações e pensamentos dos personagens.

Émile Zola foi o propulsor do Naturalismo na França, ao escrever *Le Roman Expérimental* em 1880, onde trabalhou a influência das teorias científicas no cotidiano das pessoas, empregando principalmente a Teoria da Evolução, fundamentada por Darwin. A partir dessa teoria, descobriu-se que o ambiente tinha maior influência no comportamento e características dos seres vivos do que se imaginava. Zola já vinha tratando de descrever detalhadamente o ambiente onde se passavam suas histórias desde o início de sua carreira. Darwin publicou o livro quando o escritor ainda era bastante jovem, o que pode tê-lo influenciado já desde o início.

O ambiente na obra de Zola foi em muitos casos tratado como um agente vivo e ativo, como no caso do romance *Germinal*⁵, cuja narrativa sobre um ambiente de céu ora escuro ora cinzento e uma paisagem de geometria monótona, dava base para a deplorável condição de trabalho e de saúde dos trabalhadores numa mina de carvão. Já no caso do conto *Théâtre de Campagne*⁶, os fenômenos naturais como a noite, o sol e as árvores, são romantizados para alimentar a expectativa de que ocorra uma relação amorosa entre as personagens Maxime e Gilberte.

⁵ Tradução do título: *Germinal*. Publicação original em 1885

⁶ Tradução do título: *Teatro do campo*. Publicação original em *Revue Indépendante* n.2, junho de 1884, pp.90-99.

Apesar da preocupação com a ambientação da narrativa ter sido constante em sua obra, foi na sua fase naturalista que ele ressaltou esta importância, não só como o conjunto dos fenômenos da natureza, mas também quanto aos ambientes social e familiar, cujos comportamentos influenciam as personagens principais.

Percepção ambiental na obra de Émile Zola

Entre os anos 1871 e 1893, Émile Zola escreveu vinte romances cujo conjunto é intitulado “Série Rougon – Macquard”, na qual retrata a família e a questão da hereditariedade. Nessa fase, o autor passou a se preocupar cada vez mais com o contexto geográfico e natural das histórias. O crítico literário Lumbroso (2002:310) nomeia Zola de “escritor-desenhista”, ao comentar que era bastante comum ele fazer um croqui, elaborando o espaço aonde iria se passar a história em estudo. Na época mencionada, ele fez cerca de 150 croquis esboçando regiões, cidades e edificações nas quais se passariam as suas histórias.

Pelo fato de ser um romancista, o escritor produzia esses cenários para desenvolver histórias subjetivas, norteadas grande parte pelas correntes literárias mais fluentes de sua época. Lumbroso afirma que a precisão de seus croquis, dava uma certa objetividade e materialização das histórias. No entanto, a finalidade do croqui era desenvolver subjetivações, remetendo a um certo paradoxo que representa o coração da criatividade zoliana do espaço (2002:315).

Zola se preocupava a precisão espacial (em seu sentido físico-geométrico) e na aproximação de suas histórias à realidade do lugar onde estava inserida. Ao escrever o romance *Le ventre de Paris* (1873), ele mostrou um obsessivo interesse por *Les Halles*, um prédio grande, construído de zinco, aço e vidro no centro da cidade que servia de mercado. Ele passou dias e noites neste prédio, conhecendo as despensas e armazéns subterrâneos. Entrevistou muitos dos vendedores do local para saber todos os detalhes de suas profissões (Leaf, 2001:74-75). Era comum os romancistas realistas fazerem pesquisas sobre o terreno com o qual iriam trabalhar em suas histórias, incluindo em muitos casos, o gênero de análises de códigos que regulamentam o espaço social e profissional do “meio” que ele estuda, além de sua materialidade e topografia (Lumbroso, 2002:342). Quando há uma dedicação por parte do escritor em retratar o espaço-tempo de seus romances, baseados em estudos investigativos, essas histórias acabam por ser documentos contribuintes para

estudos nas ciências humanas, como por exemplo, na Geografia e na História, ao retratar a época e condição de um determinado lugar.

Citações de Émile Zola que remetem ao meio ambiente

A obra do escritor, conforme dita, é extremamente extensa e os estilos variaram de época para época. Não vem a esse artigo remontar a toda sua obra, mas destacar três de seus contos consultados que apontam peculiaridades das percepções de Zola quanto às relações “ser humano-natureza” e “campo - cidade”.

Nos contos *Aux Champs*⁷ e no *Les Squares*⁸, Zola colocou em questão a falta de áreas verdes na cidade de Paris e a dificuldade da população em encontrar espaços favoráveis ao usufruto das horas de lazer. Além disso, o reconhecimento do autor da transformação dos ambientes naturais em ambientes urbanos afetava diretamente a qualidade de vida na cidade se mostra bastante direta. No conto *Ce que disent les bois*⁹, é relatada uma história na qual ele mesmo foi para um bosque no subúrbio para ler jornal, admirando-se com as plantas e animais ao seu redor e prezando alto valor simbólico a esses seres.

Apesar dos três contos trabalhados no artigo serem anteriores ao Naturalismo, a descrição dos elementos do meio e suas percepções são constantes na narrativa, e de importante contribuição à percepção de Zola quanto ao ambiente. As três histórias são narradas em primeira pessoa, tratando-se de uma idéia pessoal dele.

Aux champs

Neste primeiro conto, o escritor buscou descrever o aproveitamento do tempo livre de muitos parisienses da classe operária em ir de trem ou a pé para o subúrbio da cidade passear e subir nas fortificações, de onde poderiam avistar paisagem que no cotidiano lhes era rara. Trata-se de passeios que o escritor fazia quando tinha aproximadamente 20 anos, nos anos 1860. Ressalta-se o culto àquilo que não era considerado “urbano”, tanto o tempo livre quanto a abundância de áreas verdes, começando o conto com o seguinte parágrafo:

Os parisienses mostram hoje um gosto imoderado pelo campo. Na medida em que Paris cresceu, as árvores recuaram e os habitantes, desacostumados com o verde, viveram num

⁷ Tradução do título: Nos Campos. Publicação original no jornal *Le Figaro*, 18 de junho de 1867.

⁸ Tradução do título: As Pracinhas. Publicação original no jornal *Le Figaro*, entre 1875 e 1880.

⁹ Tradução do título: O que dizem os bosques. Publicação original em *La cloche*, 12 de abril de 1870.

contínuo sonho de possuir, em algum lugar, um cantinho de campo para eles (...) No domingo, a população, que lota a cidade, é reduzida para percorrer vários quilômetros a pé, para ir ver o campo, do alto das fortificações.¹⁰

A escassez de áreas verdes na cidade tornou o campo uma espécie de lugar de “fartura”, pois, apesar da tendência daquela sociedade ser a urbanização, percebia-se a falta que as áreas verdes apresentavam nos centros urbanos. Zola reconhece que, a miséria do povo, consistia na distribuição desigual de terras do *Ancien Régime*, remetendo por muito tempo o campo à idéia de pobreza. No entanto, com o surgimento exponencial de gerações intra-urbanas, o campo tornou-se uma área de maior valor simbólico, passou a ser visto, por essa população, como o espaço do lazer.

Haveria uma curiosa pesquisa a ser escrita: o gosto dos parisienses pelo campo. A admiração nem sempre foi a mesma (...) Nos séculos XVII e XVIII, o campo era visto mediocrementemente. Toleravam-no organizado, cuidadosamente, posto como uma decoração ao entorno dos castelos dos príncipes. A pequena propriedade não existia (...) Nossos pais, portanto, não gostavam do campo, ou então, não gostavam do mesmo modo que nós.¹¹

O Subúrbio também era ocupado por bairros industriais, onde a maioria da população era de operários e de pobres. Este tipo de área é apontada pelo escritor como “primeira zona” do subúrbio, onde ainda era espaço da cidade, no limite do verde do campo, e para onde o crescimento da cidade se direcionava. Notável a sua afirmação de Zola, ao dizer que a degradação ambiental era um “crime”, numa época em que muito pouco se pensava numa legislação hoje chamada de “ambiental”:

Não conheço nada mais feio nem mais sinistro que esta primeira zona ao redor de Paris. Toda cidade grande se faz assim, um cinturão de ruínas. Na medida em que os paralelepípedos avançavam, o campo recuava, e há, entre ruas que terminam e gramado que começa, uma região devastada, uma natureza massacrada de que os novos bairros ainda não esconderam os danos (...) Paris parece assim jogar continuamente sua espuma em suas margens. Encontramos por lá toda a sujeira e todo crime da cidade grande. O lixo apodrece sob o sol, a miséria traz consigo seus vermes. Algumas árvores bonitas permanecem de pé,

¹⁰ Texto original: Les Parisiens montrent aujourd’hui un goût immodéré pour la campagne. À mesure que Paris s’est agrandi, les arbres ont réculé, et les habitants, sevrés de verdure, ont vécu dans le continuel rêve de posséder, quelque part, un bout de champ à eux (...) Le dimanche, la population, qui étouffe, en est réduite à faire plusieurs kilomètres à pied, pour aller voir la campagne, du haut des fortifications. (RIPOLL, 1976:662)

¹¹ Texto original: Il y aurait une curieuse étude à écrire, celle du goût de la campagne chez les Parisiens. L’engouement n’a pas toujours été le même. (...) Au dix-septième et au dix-huitième siècle, la campagne plaisait médiocrement. On la tolérait arrangée, pomponnée, mise comme un décor savant autour de châteaux princiers La petite propriété n’existait pas (...) Nos pères n’aimaient donc pas la campagne, ou du moins, ils ne l’aimaient pas à notre façon. (RIPOLL, 1976:665)

como deuses tranquilos e fortes, esquecidas neste monstruoso esboço de cidade que se indica.¹²

A subjetivação de sua percepção se torna evidente no final do capítulo *Le bois*, ao romantizar num só parágrafo o campo, e sua juventude:

“Ah! Meus belos domingos no subúrbio, quando eu tinha 20 anos! Permaneceram como uma das minhas mais queridas lembranças. Depois, conheci outras felicidades, mas nada vale mais que ser jovem e se sentir libertado por um dia na liberdade dos grandes bosques.”

Este conto não trata somente de seu passeio no subúrbio. A preocupação do autor em contextualizar o espaço-tempo, seu gosto pelo campo e as dificuldades quanto à degradação ambiental e desigualdade social presentes em sua cidade se configuram como base de sustentação da narração.

Les Squares

No conto *Les Squares*, apesar de possuir aproximadamente quatro páginas, o escritor fez uma crítica ao espaço urbano, onde o ser humano impede a reprodução e o crescimento das espécies vegetais. Zola é instigado a criticar esta causa, tendo como base a romantização da natureza, do campo e dos vilarejos camponeses.

Nas pequenas cidades da província, a grama cresce abundante entre os vãos dos paralelepípedos; certas ruas, verdes e solitárias, dormem na sombra, parecidas com as trilhas que se alongam nos bosques; em seguida, o campo está lá, bem pertinho, apresentando suas vertentes e suas florestas, ao redor do horizonte. Mas em Paris, os paralelepípedos estão queimados e esbranquecidos pelos passos da multidão; as ruas se alongam como grandes rotas empoeiradas, como estradas de ferro onde nem mesmo um fio de musgo se arrisca.¹³

A crítica à interferência humana no crescimento da vegetação é visto por Zola como uma agressão à naturalidade do crescimento, induzindo o leitor a acreditar na

¹² Texto original: Je ne connais rien de si laid ni de plus sinistre que cette première zone entourant Paris. Toute grande ville se fait ainsi une ceinture de ruines. À mesure que les pavés avancent, la campagne recule, et il y a, entre les rues qui finissent et l'herbe qui commence, une région ravagée, une nature massacré dont les quartiers nouveaux n'ont pas encore caché les plaies (...) Paris semble ainsi jeter continuellement son écume à ses bords. On trouve là toute la saleté et tout le crime de la grande ville. L'ordure vient s'y mûrir au soleil. La misère y apporte sa vermine. Quelques beaux arbres restent debout, comme des dieux tranquilles et forts, oubliés dans cette ébauche monstrueuse de cité qui s'indique (RIPOLL, 1976:663)

¹³ Texto original: Dans les petites villes de province, l'herbe pousse drue entre les pavés; certaines rues vertes et solitaires, dorment dans l'ombre, pareilles aux sentiers discrets qui longent les bois; puis la campagne est là, toute voisine, étalant ses coteaux et ses forêts, autor de l'horizon. Mais Paris, les pavés sont brûlés et blanchis par les pas de la foule; les rues s'allongent comme des grandes routes poudreuses, comme des voies ferrées où pas un brin de mousse ne se risque. (RIPOLL, 1976, p.319).

hipótese de que, num meio urbano, não é possível contar com uma natureza que não seja a natureza transformada e, portanto, não mais natural em seu “puro” sentido:

Se em certos momentos, fechassem as grades das pracinhas durante cem anos, a natureza faria então sua obra de virilidade. Mas os jardineiros viriam rápido botar ordem esta insurreição de gramas altas. Abateriam os carvalhos, arrancariam a coberta de heras¹⁴ e o tapete de musgos, para semear gramíneas cloróticas¹⁵, o veludo de boa companhia de que se vestem os jardins, para entrarem no padrão.¹⁶

Num tom irônico, a respeito da falta de área verde na cidade, Zola critica o conformismo e adequação da população urbana a esta situação, ao dizer:

No centro de Paris, as pracinhas, os diminutivos dos grandes jardins, são suficientes para essa brava gente. Se elas não tivessem as pracinhas, elas teriam um pote de grama em casa, e isso ainda seria o suficiente.¹⁷

É possível, por esta frase, observar que a população urbana se acostumara com a escassez de áreas verdes, pelo fato de não serem ex-camponeses, mas descendentes de camponeses. Eles nasceram e cresceram no urbano e, portanto, se influenciaram pelo espaço e pela cultura ali presentes, incorporando-a e adaptando-se à escassez.

Ce que disent les bois

No conto *Ce que disent les bois*, o subúrbio parisiense mais uma vez é romantizado pelo autor, posto como espaço do lazer, da liberdade, e de um usufruto mais intenso da vida na Terra. A intenção de Zola ao longo do conto é de valorizar os sons que as árvores e animais transmitiam, atribuindo prosopopéias à flora e fauna em certos casos.

Eu tinha concebido o projeto audacioso de me arrancar, durante algumas horas, às nossas lutas e cóleras, e tinha deixado ali as ruas cheias de barulho para as vias de silêncio pleno. Tinha me prometido de me dar inteiro ao sol, ao forte charme das bodas da terra.¹⁸

¹⁴ *Ficus pumila*, planta tipo trepadeira, também conhecida por unha-de-gato.

¹⁵ Doença em vegetais que produz o amarelecimento das folhas, causada em geral por deficiência de nitrogênio e de ferro.

¹⁶ Texto original: Certes, si l'on fermait les grilles des squares pendant cent ans, la nature ferait aussi là son oeuvre de virilité. Mas des jardiniers viendraient vite mettre bon ordre à cette insurrection des hautes herbes. On abatrait les chênes, on arracherait le manteau de lierres et le tapis des mousses, pour semer le petit gazon chlorotique, le velours de bonne compagnie dont s'habillent les jardins comme il faut" (RIPOLL, 1976, p.322)

¹⁷ Texto original: Les squares, diminutifs des grands jardins suffisent à ces braves gens. S'ils n'avaient pas les squares, ils auraient un pot de gazon chez eux, et cela suffirait encore. (RIPOLL, 1976:320)

¹⁸ Texto original: J'avais conçu le rojet audacieux de m'arracher, pendant quelques heures, à nos lutttes et à nos colères, et j'avais laissé là les rues pleines de bruit pour les allées pleines de silence. Je m'étais promis de me donner entier au soleil, au charme fort des noces de la terre. (RIPOLL, 1976:378)

No entanto, reconhece-se que o ritmo de expansão do crescimento da cidade acelerava o processo de remoção da vegetação nos subúrbios:

Vocês conhecem os bosques de Verrières? Eles se estendem lá ao alto, entre os vales Bièvre e o de Châtenay, e são, juro a vocês, os bosques mais adoráveis dos arredores de Paris; Você pode acreditar em minha palavra, pois sou um grande gatuno no subúrbio. Caramba! Estão cortando neste momento minha floresta querida, o que é uma profunda tristeza para meu coração (...).¹⁹

Descrevendo a paisagem, o escritor demonstra seu repúdio por Paris, ou seja, pelo urbano, o espaço do tumulto e do trabalho:

Em alguns momentos, tinha me esquecido de Paris. Me perguntava se eu não ia fazer uma cabana, à beira daquela lagoa, e viver lá, como um grande folgado, longe de toda briga.²⁰

Meio ambiente na contemporaneidade e a contribuição da percepção de Émile Zola

A percepção ambiental dos indivíduos é tão plástica e moldável quanto é a Cultura. Os estudos sobre percepção ambiental são bastante recentes, e a diversidade de interesses dos agentes torna-se cada vez mais complexa na medida em que o assunto em questão vai tomando repercussão.

O exagero e denúncia de Zola quanto à falta de áreas verdes no centro e poluição no subúrbio, é em parte justificável pelo crítico literário Cogny (1977:69) a citar que os principais objetivos do escritor era de “mostrar à burguesia aquilo que era não queria ver”. Assim como (d)escreveu histórias do movimento operário, pode ser que a preocupação ambiental no que tange saúde pública e estética também tenha sido uma de suas prioridades.

A dialética sujeito-objeto (base da construção do pensamento) é verificável no modo que Émile Zola percebe o ambiente, assim como ocorre com qualquer tipo de indivíduo por mais diferentes que sejam seus modos, profissões e gostos. Sánchez (2008:288), num texto a respeito de técnicas para avaliações de impacto ambiental²¹, diz

¹⁹ Texto original: “Connaissez-vous le bois de Verrières? Ils s’étendent, là-haut, entre la vallée de Bièvre et celle de Châtenay, et ce sont, je vous jure, les bois plus adorables des environs de Paris; vous pouvez me croire sur parole, car je suis un grand rôdeur en banlieue. Hélas ! on coupe en ce moment ma chère forêt, ce qui est une profonde tristesse pour mon coeur” (RIPOLL, 1976, p.378).

²⁰ Texto original: “Certes, j’avais oublié Paris. Je me demandais si je n’allais pas bâtir une hutte, au bord de cette mare, et vivre là, comme un grand lâche, loin de toute bagarre” (RIPOLL, 1976, p.379).

²¹ Avaliação feita por equipe técnica no intuito de identificar e estudar viabilidades ambientais, sociais e jurídicas de um empreendimento que afete o meio ambiente. Exemplos: prospecção mineral e de petróleo; barragens de hidrelétricas; rodovias; aterros sanitários.

que apesar dos estudos e relatórios de impacto ambiental (EIA-RIMAs) serem técnicos, a subjetividade numa avaliação deve ser reconhecida pelo fato de ser inevitável, e como não é possível eliminar(sic) toda subjetividade, é necessário profundo estudo técnico e trabalho cientificamente fundamentado. A contribuição deste autor não só ressalta a importância da técnica como também coloca a questão de desvendar até que nível a sociedade moderna subjetiva o meio ambiente como também a técnica, ou até mesmo, romantiza-a, visto que a interpretação sempre é subjetivada.

O abismo que se observa entre o objetivismo e o subjetivismo nas questões ambientais é o mesmo que se apresenta entre Ciência (representando o primeiro) e Arte (representando o segundo), infiltrando no âmago do conhecimento moderno e em infundáveis debates epistemológicos. Não seria diferente, quanto ao modo de se tratar o meio ambiente.

Em outros contos, Zola se remete ao verde de forma sagrada, como algo a ser respeitado e cultuado. Pelo fato de ser um romancista, não foi possível identificar qual era o embasamento teórico que sustentava sua idéia sobre a importância do verde, se por questões de lazer, por questões “ambientais”²², ambas, ou simplesmente pelo verde se apresentar como algo escasso e negativo à urbanidade que ele tanto criticou nesses contos.

Atualmente, vemos governos e empresas pelo mundo se mobilizando para recuperar áreas verdes nos meios urbanos, no intuito de melhorar a qualidade de vida nas cidades, como algo extremamente recente. Hoje, mais do que nunca, partidos políticos e governos de grandes cidades tem buscado fazer um pedido que Zola já anunciava no conto *Les Squares* na década de 1870, de ampliar as áreas verdes nas cidades.

A Ciência se apropriou deste objeto de estudo, os fundamentos de Émile Zola se indicam bastante coerentes no que tange a questão de áreas verdes nas zonas urbanas, ao menos quanto finalidade de lazer. Em sua época, a Ciência já se colocava bastante distante das Artes, precisou-se esperar décadas para que seus argumentos obtivessem “cientificidade”.

A categoria “meio ambiente” retoma, dentre outros conceitos, a questão da totalidade-mundo e da importância da cooperação de indivíduos e instituições na melhor qualidade de vida, saúde e convívio com outras espécies, desmaterializando barreiras entre os cientistas e a sociedade civil. Sendo assim, a Arte também pode ter papel importante nesta conjuntura, visto a aguçada percepção que artistas podem ter da realidade para

²² Justifico as aspas para, mais uma vez, evitar um possível anacronismo.

identificação de problemas atuais e problemas vindouros. E, identificar um problema antes dele ocorrer, significa economizar recursos e reduzir esforços para revertê-lo.

Referências Bibliográficas

COGNY, P. *Zola et son temps*. Paris: Larousse, 1977.

LEAF, A. *Emile Zola portraits of Les Halles* (pp. 72-75). In *Gastronomica Journal* – University of California Press. Spring 2001, vol. 1. pp. 114. Posted Online in December 2, 2003. Berkeley. <http://caliber.ucpress.net/doi/abs/10.1525/gfc.2001.1.2.72> - acessado no dia 0/4/2009.

LUMBROSO, O. *L'invention des lieux*(pp.308-543). In *Les Manuscrits et les dessins de Zola*. vol. 3. Paris: Textuel, 2002

MARX, K. *O Capital: Crítica da Economia Política*. Livro Primeiro – O Processo de Produção do Capital. Volume II. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

MARTINEZ-ALIER, J. *O Ecologismo dos Pobres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PEYRE, H. *Qu'est-ce que le Romantisme ?* Paris: Presses Universitaires de France, 1971.

RIBEIRO, W. C. *A Ordem Ambiental Internacional*. São Paulo: Contexto, 2001.

RIPOLL, R. *Émile Zola: Contes et Nouvelles*. Paris: Gallimard, 1976

SÁNCHEZ, L. E. *Avaliação de Impacto Ambiental: conceitos e métodos*. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

TERRAMUSSI, T. M. *Percepção ambiental de estudantes sobre o Parque Ecológico do Tietê, São Paulo – SP*. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais da Universidade de São Paulo – USP. São Paulo: 2008.